

ELIO GASPARI

# Jefferson Péres é perigoso. É um homem decente

**H**á dois candidatos à presidência do Senado: Jader Barbalho e Jefferson Péres. O governo não admite a possibilidade de uma vitória de Péres. Não admite porque ele é o candidato da oposição. Pena. O Planalto está mobilizado contra a decência. A figura miúda, meticolosa e seca do senador amazonense tem essa única característica. É um homem decente.

Aos 68 anos, é ave rara. Não há um único funcionário no governo federal nomeado a seu pedido. Recusa-se a endossar até mesmo indicações da bancada. (Bem que poderia ter evitado a nomeação de uma cunhada para seu gabinete.) Viveu como professor de economia da Universidade Federal do Amazonas. Tem mais de 35 anos de serviço, recusa-se a requerer aposentadoria. Defende a política econômica do governo com mais ardor que a maioria do Ministério de FFHH. Sustenta que o presidente do Banco Central deve ter mandato, programa e metas. Em 1997, relatando as contas do governo, demonstrou que ele havia reduzido os gastos na área social. Rebarbou os doces pedidos para retirar suas restrições.

Personagem anticlimático, é capaz de participar da sabatina de um presidente do Banco Central dizendo que aquela sessão de perguntas e respostas era um teatro praticamente inútil: "O Senado fina que tem poderes e que participa

do processo quando pode muito pouco e participa quase nada." Foi nomeado para a comissão especial que tratou do caso Eduardo Jorge e avisou: "Isto aqui não vai dar em nada, por falta de instrumentos legais." Deu em nada.

Pode-se ver a marca da decência de Péres nas coisas que ajudou a fazer funcionar. Trabalhou para regularizar os planos de saúde e defendeu a entrada de empresas estrangeiras no mercado. Apoiou a proibição da propaganda do tabaco e propôs que ela fosse estendida ao álcool. Visitado pela turma das cervejarias, foi a público: "A pressão da indústria da bebida é maior que a dos fabricantes de cigarro." Relatou o trabalho da comissão que pediu a cassação do mandato de Luiz Estevão.

Foi dele a iniciativa de obter do Senado a repreensão dos senadores Antonio Carlos Magalhães e Jader Barbalho pelos bate-bocas que produziram no plenário.



Na montagem, o senador Jefferson Péres

Para o Planalto e para a coligação governista, Jefferson Péres não pode presidir o Senado porque é de oposição. Esse argumento é forte, mas até agora os doutores do governo só conseguiram produzir Jader Barbalho. Vale lembrar

que a base de sustentação política da ditadura chegou a um impasse quando o melhor candidato que conseguiu produzir chamou-se Paulo Maluf. Graças a isso deu-se o milagre de Tancredo Neves. Como lembra o senador Roberto Freire: "O que está acontecendo hoje em Brasília é a marcha da insensatez."

Jefferson Péres está na oposição, não é de oposição. Distanciou-se do governo por decência. Começou a fazer política nos anos 50 e foi candidato a vereador em Manaus, com o apoio velado do Partido Comunista. Quando veio a ditadura, retraiu-se. A maneira como conta isso é um bom retrato de sua personalidade:

"Eu não tinha vocação para herói. Fiquei com medo de perder o meu emprego na universidade e abandonei qualquer militância política."

Péres reemergiu em 1988, filiando-se ao PSDB, que fazia oposição à política úmida do morubixaba

Gilberto Mestrinho. Foi um caso raro de vereador que foi para o Senado sem escala na Câmara. Deixou o partido em 1999, depois que os tucanos aliaram-se ao governador Amazonino Mendes, herdeiro de Mestrinho em troca dos votos para a aprovação da emenda da reeleição. Saiu do PSDB tocado pela mesma decência que levou Mário Covas e FFHH a saírem do PMDB de Orestes Quêrcia.

O PFL poderá criar uma alternativa a Jader Barbalho achando um novo candidato em outro partido. Parece coisa fácil, mas a teia de interesses que equilibra a aliança governista chegou a tal decadência que a cada remendo corresponde nova goteira.

Havendo um candidato de oposição com a marca da decência, o presidente da República reagiu a um chilique do PFL ameaçando demitir as pessoas que o partido indicou. Se FFHH as nomeou porque eram competentes, não pode demiti-las por vingança. Se as nomeou achando que eram competentes e elas se revelaram ineptas, já deveria tê-las demitido há muito tempo.

O governo pode ficar tranquilo. As chances de Jefferson Péres vir a ser eleito presidente do Senado são praticamente nulas. A aliança governista não tem porque temer esse homem decente, mas deve-se lembrar que em 2002 terá que bater à porta da choldra para pedir-lhe votos.